

Audrey Carlan

A
garota DO
CALENDÁRIO



FEVEREIRO

Tradução
Andréia Barboza

1ª edição

Rio de Janeiro-RJ / Campinas-SP 2016



VERUS
EDITORA

Editora

Raíssa Castro

Coordenadora editorial

Ana Paula Gomes

Copidesque

Lígia Alves

Revisão

Maria Lúcia A. Maier

Capa, projeto gráfico e diagramação

André S. Tavares da Silva

Fotos da capa

© Valua Vitaly/Shutterstock (casal)

Título original

Calendar Girl: February

ISBN: 978-85-7686-507-0

Copyright © Audrey Carlan, 2016

Todos os direitos reservados.

Edição publicada originalmente por Waterhouse Press, LLC / Bookcase Literary Agency

Tradução © Verus Editora, 2016

Direitos reservados em língua portuguesa, no Brasil, por Verus Editora. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem permissão escrita da editora.

Verus Editora Ltda.

Rua Benedicto Aristides Ribeiro, 41, Jd. Santa Genebra II, Campinas/SP, 13084-753

Fone/Fax: (19) 3249-0001 | www.veruseditora.com.br

**CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ**

C278g

Carlan, Audrey

A garota do calendário : fevereiro / Audrey Carlan ; tradução
Andréia Barboza. - 1. ed. - Campinas, SP : Verus, 2016.
21 cm. (A garota do calendário ; 2)

Tradução de: Calendar Girl: February

Sequência de: A garota do calendário : janeiro
ISBN 978-85-7686-507-0

1. Romance americano. I. Barboza, Andréia. II. Título.
III. Série.

16-31990

CDD: 813

CDU: 821.111(73)-3

1



AS PORTAS DE FERRO RETORCIDAS E ENFERRUJADAS DO ANTIGO ELEVADOR fizeram um barulho alto quando o motorista as puxou para fechá-las. Ele não havia dito uma palavra além de “Você é a Mia?”, quando desci a escada rolante do setor de desembarque do Aeroporto Internacional de Seattle-Tacoma. Achei que seria seguro acompanhá-lo, já que ele exibia uma placa com meu nome completo, e tia Millie avisara que eu deveria esperar um homem gigante com aparência de lenhador para me levar ao meu próximo cliente. A parte do gigante não era brincadeira, e ela não estava falando da estatura. O cara era apenas alguns centímetros mais alto que eu, mas o que lhe faltava em altura ele compensava em largura. Me fez pensar em um lutador profissional ou um fisiculturista.

Ao chegar ao décimo andar, o elevador parou bruscamente, balançando e me atirando contra o brutamontes ao meu lado. Ele era uma parede, e nem piscou quando o atingi; apenas grunhiu como um animal. As portas enormes se abriram e ele me conduziu para o que parecia ser um galpão. As vigas e tubulações eram visíveis, e o teto estava a uma distância de pelo menos dez metros do chão de concreto. Havia pessoas por todos os lados, metade delas nua.

No que foi que eu me meti agora?

Flashes brilhavam, canhões de luz e refletores eram movimentados em carrinhos, enquanto eu, parada na entrada, tentava assimilar tudo aquilo. O brutamontes encostou minha bagagem

em uma parede lateral e apontou para um homem agachado com uma câmera colada ao rosto.

— Sr. Dubois — ele resmungou. Então se virou abruptamente e entrou no elevador do qual tínhamos acabado de sair, me deixando ali sozinha.

— Um homem de poucas palavras. — Soltei lentamente o ar que enchia meus pulmões. Eu não sabia o que fazer. Deveria me sentar em um canto e esperar que alguém se aproximasse, torcendo para que não fosse um dos homens ou mulheres nus espalhados por todo lado, ou seria melhor incomodar o cara que estava fotografando alguma coisa que eu não conseguia ver?

Em vez de esperar, decidi fazer o reconhecimento do ambiente e andar por ali. Era um loft, mas não era usado para morar. Janelas frágeis cobriam as paredes à direita, algumas totalmente abertas e outras bem fechadas. Parecia necessário ter uma manivela para abri-las, o que eu achei muito legal e retrô. Mulheres nuas e seminuas estavam ali, me avaliando enquanto se moviam diante de telas brancas gigantescas. Elas não estavam posando, na verdade. Só ficavam na frente das telas, se movimentando, enquanto assistentes vestidos de preto aperfeiçoavam cada posição com mudanças sutis nos cotovelos ou nos pés delas. A cada nova mudança, os assistentes se afastavam, tiravam uma única foto e começavam tudo de novo. Minúsculos movimentos novamente, e depois outra foto. Era muito esquisito.

Fui para outra área, onde um casal nu estava deitado sobre uma enorme tela branca, que devia ter pelo menos três metros por três. Um dos assistentes subiu em uma pequena escada, indo até uma plataforma que ficava exatamente em cima do casal, e lentamente despejou o que parecia ser tinta azul brilhante sobre cada centímetro dos dois corpos.

— Não se mexam! — ele gritou. — Vamos ter que começar tudo de novo, e o sr. Dubois não vai gostar disso — acrescentou,

com firmeza. O casal se manteve unido, as mãos da modelo ao redor da cabeça do homem, como se estivesse prestes a beijá-lo. Os braços dele estavam em volta dela: uma das mãos na bunda, segurando uma perna em cima de seu quadril, e a outra na parte de trás da cabeça.

A tinta escorria pelas pernas do casal e pingava na tela.

— Continuem assim — o homem ordenou. Eu estava tão fascinada com aquela cena estranha que não ouvi quando uma pessoa se aproximou por trás de mim, até que meu cabelo foi afastado do pescoço.

— Perfeição — ouvi um sussurro em meu ouvido, antes que um beijo me tocasse a pele nua, onde o ombro e o pescoço se encontram.

Eu me afastei sem olhar para onde estava indo, tentando escapar do estranho que havia me tocado, quando esbarrei em algo atrás de mim. Antes que eu pudesse me virar, minha bota enganchou na borda da tela e eu caí em cima da plataforma onde o cara irritado segurava o balde de tinta. O que veio a seguir foi um caos absoluto. O homem com o balde foi tombando para a frente e a tinta azul pegajosa voou, espirrando na tela e na lona que protegia o concreto.

O casal embaixo deve ter percebido o que estava para acontecer, pois o homem rolou com a garota nua como se tivesse sido treinado pelas forças armadas. Ele se poupou de ser encharcado com mais tinta e escapou da plataforma, prestes a desabar sobre eles.

Eu não tive tanta sorte.

Quando caí para trás, meu outro salto atravessou a lona grossa e ficou preso, enquanto meu corpo se curvava na direção oposta. Gritei quando meu tornozelo torceu dolorosamente e levei um baita tombo sobre a tinta azul e a lona rasgada.

— Deus do céu! — O homem de quem tentei fugir entrou naquela bagunça e me puxou pelos braços. Seus olhos castanho-

-dourados eram hipnotizantes e pareciam preocupados. Pequenas linhas nos cantos dos olhos revelavam que ele provavelmente era uns dez anos mais velho que eu. O cabelo castanho-claro, com mechas naturais em nuances douradas e avermelhadas, estava preso em um pequeno coque. A mandíbula era perfeita, e os lábios grossos eram margeados por uma barba cuidadosamente aparada. Nunca saí com alguém de barba, mas encarar esse homem, com seus braços fortes me segurando bem junto a seu corpo alto e musculoso, me levou a perguntar por que eu nunca tinha experimentado. Ele era tão lindo que foi quase impossível desviar o olhar. Lembrava o Ben Affleck, só que mais gostoso.

— Eu não queria assustá-la. Vi você ali, parada, e a sua beleza estava muito além da de qualquer modelo. Eu tinha que beijar sua pele dourada. Você deve ser a *minha Mia* — ele disse. Os olhos cor de caramelo me esquadrinharam da ponta dos cabelos até os saltos das botas. Por sinal, eu queria jogar essas botas longe assim que conseguisse libertar meu tornozelo, que inchava rapidamente.

Apoiei o pé machucado no chão para fazer um teste rápido. A dor atingiu o tornozelo, irradiando pela perna. Gritei e agarrei os antebraços do homem, enfiando as unhas em sua carne.

— Meu Deus, você se machucou de verdade!

— Não diga. — Revirei os olhos quando ele passou os braços longos por baixo dos meus joelhos, me pegando no colo como se eu fosse uma princesa, e me levou até uma namorada. Mas não era uma namorada comum. O encosto era curvado, começando alto em uma extremidade e diminuindo até chegar à outra. Era o tipo de móvel que se vê em filmes românticos antigos, aqueles nos quais a donzela em perigo desmaia sobre ela com a mão na testa e um belo suspiro. Já eu estava rangendo os dentes, pronta para morder qualquer um que tentasse mover minha perna.

— Vou chamar um médico! — Um dos homens de preto disse ao estranho, que, a essa altura, eu imaginava ser meu cliente.

— Não, *ce n'est pas nécessaire* — meu protetor respondeu rapidamente, em um francês perfeito. — Entre em contato com o 3B. É uma médica amiga — continuou, com os olhos presos nos meus. — Você vai ficar bem, Mia — ele assegurou. Quando falou com aquele leve sotaque, pensei que eu fosse desmaiar. Senti um aperto forte entre as coxas. Homens com sotaque são insuportavelmente sensuais. Ok, a sensação pode ter sido causada pela dor intensa, mas eu tinha certeza de que era a primeira opção.

Em poucos instantes, uma mulher miúda entrou correndo, segurando o que parecia ser uma maleta de médico daquelas antigas. Ela se apresentou e me ajudou a tirar a bota sem que doesse ainda mais. Mãos abençoadas. Ouvi um riso abafado atrás de mim enquanto a médica examinava meu tornozelo. Olhei para meu cliente, que eu sabia ser Alec Dubois, embora ainda não tivéssemos nos apresentado.

— Que foi?

— Suas meias. Realmente encantadoras, *ma jolie* — ele terminou em francês, e isso foi sexy pra caramba, embora me irritasse ainda mais, porque eu não sabia o que significava. Poderia ser algo como “desajeitada” ou “idiota”; eu nunca saberia. Olhei para minhas meias natalinas e em seguida para a médica. Os lábios dela se curvaram, mas a mulher manteve a postura profissional enquanto me examinava. Dela eu gostei, mas o bonitão da câmera ainda estava sob avaliação.

— Bem, não está quebrado. Você sofreu uma entorse leve. Vou imobilizar o seu pé e ele vai melhorar em algumas semanas. Você precisa descansar, colocar bastante gelo, deixar o pé para o alto, acima do coração, sempre com a tala. Sugiro que use muletas para se movimentar — ela disse. Meus ombros caíram com

a sensação de derrota. Eu odiava muletas. O mundo inteiro odeia muletas. Elas são um saco. Droga. Tudo o que eu não queria era que a pele ao redor das minhas axilas ficasse em carne viva ou tão ferida quanto o tornozelo, especialmente em um trabalho novo. Eu me perguntei se o homem desistiria da compra. O pânico invadiu meu coração quando pensei em meu pai e no dinheiro da próxima parcela. O que eu diria a Blaine se o francês não me quisesse mais?

— Vou cuidar muito bem de você, *ma jolie*. Não precisa se preocupar com nada. — Alec sentou-se ao meu lado, colocando um braço protetor ao redor da minha cintura e me puxando para perto, tão perto que era como se me conhecesse havia anos, e não alguns instantes. Definitivamente, ele não sabia o que era invasão de privacidade. Mesmo assim, aquilo foi bom e me deixou aliviada por saber que o cara não me mandaria para casa. — *Retournez au travail*. — A instrução óbvia foi pontuada com alguns movimentos de braço antes que ele me levantasse como se eu não pesasse nada.

— O que foi que você disse? E o que está fazendo? — Eu me agarrei a seus ombros para não cair enquanto ele caminhava em direção ao elevador.

— Levando você para casa, para descansar. Deve estar exausta da viagem. E agora, com o tornozelo machucado, precisa se deitar. — Seus olhos eram gentis quando ele me encarou. — E eu falei para o meu pessoal voltar ao trabalho. — O sotaque estava mais forte agora, mas era óbvio que ele estava nos Estados Unidos havia muito tempo. Seu inglês era perfeito.

Bufei, mas me segurei a ele.

— Isso é tão estranho. Desculpe pela tinta e pela bagunça. Agora eu estou com o tornozelo torcido quando, supostamente, deveria ser uma musa espetacular.

— Ah, mas você é *muito spectaculaire*. Tem os melhores atributos, e as metades do seu rosto são imagens perfeitamente

espelhadas — explicou, como se anunciasse algo surpreendente, embora eu realmente não tenha entendido nada.

Balancei a cabeça.

— Não sei o que você quer dizer com “imagens espelhadas”.

Um dos homens de preto de Alec nos seguiu até o elevador, carregando minha única mala. Apertou o botão do décimo segundo andar, que era o último. Alec não respondeu à minha pergunta enquanto saíamos do elevador e eu era carregada para outro loft. Este tinha o mesmo estilo e tamanho do anterior, mas era completo, com cozinha, sala de estar e uma escadaria que presumi levar a um quarto. Não havia paredes, exceto no canto, onde existia uma porta. Se eu fosse uma mulher de apostas, coisa que sou — meu pai me ensinou tudo o que sabe sobre jogos de azar —, apostaria que atrás daquela porta havia um banheiro.

Ele me levou até lá e, sim, era um banheiro. Fui até a pia pulando em um pé só quando ele me soltou. Do nada, minha mala apareceu e Alec a vasculhou, puxando uma camiseta e um short de pijama.

— Aqui, vista isso. Vou pegar algo para você colocar a roupa suja. — Em instantes, ele voltou e me entregou um saco plástico. — Tudo bem? — perguntou, com a mão sobre a maçaneta.

— Sim. Obrigada. — Senti o rosto esquentar enquanto ele fechava a porta.

Idiota, idiota, sua desajeitada idiota! O mais rápido possível, joguei no saco o jeans e a camiseta cobertos de tinta e vesti a roupa limpa. Quando terminei, lavi toda a tinta que consegui ver no meu corpo. Eu precisava de um banho, mas agora tinha que resolver as coisas com meu cliente, avaliar seu estado de espírito e saber se ele estava com raiva de mim.

Quando abri a porta do banheiro, ele estava lá e me pegou no colo novamente.

— Oooops! — Engoli em seco quando ele me carregou e me colocou sentada num sofá de veludo no tom mais profundo de roxo. Tão escuro que era quase preto, mas, se você passasse a mão sobre ele, as fibras se moviam e deixavam um tom mais claro, de berinjela. Assim que me acomodei confortavelmente, com o pé sobre o pufe à minha frente, Alec se sentou, puxando meu tornozelo dolorido para seu colo. Inclinei-me para a frente e segurei as laterais da minha perna, sem saber como responder a um homem que me tocava com tanta liberdade.

— Vamos à sua pergunta sobre imagens espelhadas?

Assenti e mordi o lábio. Ele levantou a mão e traçou o centro do meu rosto com o dedo. Partiu da linha dos cabelos, passou pela testa, por cima do nariz, entre os lábios e parou no queixo. Um arrepio percorreu meu corpo com aquele toque morno, ou talvez tenha sido a maneira sensual como ele me olhou, como se eu fosse a mulher mais linda do mundo. Wes me olhava assim. Droga, Wes me fazia *sentir* assim. Uma pontada de culpa me atingiu, mas eu a afastei. Wes e eu não éramos um casal. Amigos coloridos, certamente... com a esperança de algo mais. Um dia, talvez. Não agora.

— Se você cortar o seu rosto aqui, bem no meio — ele traçou minha face com a ponta do dedo, o olhar aparentemente perdido nessa tarefa —, cada lado vai espelhar o outro.

Fiz uma careta.

— Isso aconteceria com o rosto de qualquer pessoa.

Sua mão pousou em minha bochecha, os longos dedos se entrelaçando em meus cabelos escuros, segurando minha nuca.

— Sim, *ma jolie*, mas o rosto das outras pessoas não é simétrico. O seu é perfeito. Igual dos dois lados. Nenhum lado é melhor ou pior que o outro. Isso é incomum. Surpreendente. Você é única. — Alec estava muito perto de mim e pressionou um beijo quente em minha bochecha. — Amanhã nós come-

çamos a trabalhar, *oui*? Hoje, descanse. — Ele colocou meu tornozelo inchado sobre o pufe novamente, depois de arrumar um travesseiro embaixo dele. — Tenho coisas a fazer agora — anunciou, movendo-se como se já estivesse distraído com as tarefas que tinha pela frente.

Cara interessante esse Alec Dubois.



Durante toda a tarde, sem disposição para enfrentar as escadas até o andar de cima do loft em uma perna só, tentei caminhar por ali, cochilei, liguei para minha melhor amiga, Ginelle, e avisei a tia Millie que tinha chegado. Tanto Gin quanto tia Millie acharam hilário o fato de eu ter torcido o tornozelo e estar presa, à mercê de um artista francês sensual. Gin me chamou de vaca sortuda, e tia Millie encerrou a ligação com um “Divirta-se, boneca”.

Ouvi a campainha do elevador e o barulho do metal quando as portas foram abertas. Eu não conseguia ver nada de onde estava, no sofá, mas não precisei esperar muito. Alec atravessou a sala carregando muletas e uma embalagem branca de restaurante delivery, com um cheiro delicioso de comida chinesa. Sem demora, colocou o pacote sobre a mesa de centro e encostou as muletas na lateral do sofá. Em seguida, veio para o meu lado e se sentou.

Antes que eu pudesse abrir a boca, Alec segurou meu pescoço com as duas mãos, os polegares sobre minhas bochechas, e deu um beijo em cada uma. Seus lábios estavam quentes, e continuei a sentir seu calor muito tempo depois de ele ter se afastado para olhar em meus olhos.

— Como você está, *ma jolie*?

— Hum... Bem, eu acho. — Pisquei e ele sorriu. — O que quer dizer *ma jolie*?

Os lábios de Alec se curvaram quando ele inclinou a cabeça de lado. Esticou a mão e afastou da minha testa uma mecha de cabelo, colocando-a atrás da orelha. O ar ao nosso redor era denso, prometendo alguma coisa que eu não sabia nomear.

— Significa “minha bela”.

— Ah, certo — sussurrei, incapaz de desviar o rosto daqueles olhos castanho-dourados.

— Com fome? — ele perguntou, o sotaque se acentuando.

Assenti com a cabeça. Minha garganta secou enquanto o observei se levantar, entrar na cozinha e voltar trazendo pratos e utensílios para servir, antes de se sentar bem perto de mim. O lado inteiro de seu corpo estava colado ao meu. Se eu me afastasse, ele perceberia, e eu não queria causar outra má impressão em meu cliente. Então, suportei seu calor. E seu cheiro. Aquele cheiro seria a minha morte. Era uma mistura de tinta fresca e Hugo Boss. A única razão para eu conhecer a fragrância era o fato de ter trabalhado em uma loja de perfumes num shopping em Las Vegas. Me faziam pulverizar todo tipo de porcaria nos clientes. Tanto que, quando eu saía da loja, parecia um saco de pot-pourri ambulante. O Hugo Boss tem um cheiro gostoso de homem que parece penetrar em minhas narinas e atingir o alvo na área entre minhas pernas.

Fazendo um esforço, tentei me afastar um pouco. Alec olhou para mim e piscou enquanto servia chow mein e frango xadrez num prato.

— Espero que você goste de comida chinesa. — Estendeu-o para mim.

Segurei o prato com avidez, levando-o para perto do rosto, fechei os olhos e inalei o aroma celestial de frango, molho e macarrão fumegante. O cheiro era tão bom que me deu água na boca, e eu gemi. Quando olhei para ele, Alec tinha parado de se servir e estava me encarando. O que vi quase me fez engasgar.

Os olhos dele estavam em chamas. O desejo era visível. Ele nem tentava esconder.

— Sua beleza é impressionante. — Ele tocou minha bochecha e a segurou. Inadvertidamente, curvei o rosto na palma de sua mão, selando a conexão. Fazia apenas alguns dias, mas eu sentia falta de um toque masculino. Alec traçou meu lábio inferior com o polegar e sua voz ficou rouca. — *Tu est un cadeau de Dieu au monde.*

— O que significa?

— Um presente de Deus para o mundo. É o que você é. E eu pretendo mostrar a todos a glória desse presente.

Alec acha que eu sou um presente para o mundo. Um belo presente.

Não fui capaz de responder. Não quando ele deixou seu jantar de lado. Nem quando pegou meu prato e o colocou sobre a mesa. Muito menos quando se inclinou em minha direção até que estivéssemos a pouquíssimos centímetros um do outro. Mas respondi no momento em que meu cérebro, exausto, registrou seu beijo.

Quente, macio e doce. Sua boca roçou a minha antes que ele sugasse meu lábio inferior e passasse a língua ao longo da pele sensível. Isso foi o máximo que aconteceu antes que eu agarrasse seu pescoço e o puxasse para mais perto. Meus dedos tentaram se entrelaçar em seus cabelos. Não desisti quando me deparei com um elástico. Puxei-o até que cedesse, e um cabelo grosso, cheirando a limão, caiu em ondas contra meu rosto, envolvendo nosso beijo no refúgio das mechas longas. Alec segurou meu queixo e virou minha cabeça para o lado, deslizando a língua para dentro e para fora, descobrindo o que me fazia arrepiar, gemer e morder. E foi o que eu fiz. Mordisquei seus lábios como um animal faminto faria com um bife. Ele não pareceu se importar. Em certo momento, tive certeza de que ele

rosnou — sim, rositou —, tornando o beijo impossivelmente mais profundo.

A excitação rugiu através do meu corpo, e eu enrijei, querendo trazer Alec para mais perto, precisando dele. Quando tentei me deitar no sofá para que ele ficasse em cima de mim, Alec se afastou. Sua testa descansou contra a minha.

— *Très jolie fille* — ele sussurrou, no idioma que estava rapidamente se tornando uma tara para mim. Não que antes não fosse, mas, depois que tive seus lábios nos meus e sua língua em minha boca, aquelas palavras acariciavam meus sentidos tão facilmente quanto eu imaginava que seu toque faria. Com vigor, desejo e luxúria. — Calma, *chérie*. — Seu tom era um murmúrio e um bálsamo para o calor que ardia dentro de mim. — Vai haver tempo de sobra para nós nos conhecermos fisicamente. Eu quero aproveitar você, antecipar o seu sabor na minha língua, a sua pele suave na ponta dos meus dedos, o seu corpo na minha tela.

Eu me afastei e nossos olhares se prenderam.

— Uau. — Mordi o lábio e engoli em seco. Ele sorriu.

— Acho que “uau” é um eufemismo. Vamos comer e conhecer um ao outro em todos os níveis. Só assim a manifestação física da nossa união vai ser tão doce quanto possível.

Alec Dubois era um cara bizarro. Quem fala assim? “A manifestação física da nossa união”? Ele deve ter passado muito tempo lendo o Yahoo! Respostas.

— Você é um cara estranho — falei, antes de pegar meu prato. Apoiei-o no colo e abocanhei uma grande garfada de macarrão. Dos deuses! Quase tão bom quanto o beijo que acontecera minutos antes.

Alec inclinou a cabeça para trás e gargalhou. Viu? Totalmente estranho.

Ele pegou seu prato e se serviu, depois se recostou no sofá, colocou os pés ao lado dos meus no pufê, virou a cabeça para o lado e olhou para mim.

— Ah, meu doce. Você não faz ideia, mas em breve vai saber. Vamos comer.